

Os meninos do césio: memórias, ausências e preconceitos

The cesium boys: memories, absences and prejudices

Max Cavalcante de Almeida *
maxcaal_@hotmail.com

RESUMO: Apesar de sua dimensão, observa-se na atualidade um tímido retorno às discussões em relação ao acidente com o Césio-137 em Goiânia, o silêncio que permeia a tragédia parte de uma construção sistematizada pelo Estado. Observa-se também que os efeitos do acidente perduraram por anos, construindo diferentes percepções, sendo aqui analisando por meio de relatos de um grupo denominado “Os Meninos do Césio”, crianças que anos após o acidente residiam próximos dos principais pontos envolvidos no acidente. Observa-se que, conforme as políticas de apagamento vêm a ser bem-sucedidas, há um enviesamento da memória da população. Em contrapartida, as pessoas que vivenciaram a tragédia em diferentes escalas, convivem ainda hoje com diversas questões resultantes do acidente de 1987 com o césio-137.

PALAVRAS-CHAVE: Césio-137, memória, silenciamento, política de apagamento, limpeza simbólica, Morro do Aranha.

ABSTRACT: Despite its magnitude, there is currently a timid return to discussions regarding the Cesium-137 accident in Goiânia. The silence surrounding the tragedy is part of a systematized construction by the State. It is also observed that the effects of the accident lasted for years, creating different perceptions. This analysis is conducted here through reports from a group called “The Cesium Boys,” children who lived near the main points involved in the accident years after the accident. It is observed that, as erasure policies become successful, there is a bias in the population’s memory. On the other hand, people who experienced the tragedy on different scales still live with several issues resulting from the 1987 Cesium-137 accident.

KEYWORDS: Cesium-137, memory, silencing, erasure policy, symbolic cleansing, Morro do Aranha.

Introdução

Considerado um dos maiores desastres radioativos do mundo, o acidente com o Césio-137 em Goiânia pouco é discutido ou lembrado, esse silêncio que permeia a tragédia não é espontâneo, parte de uma construção que, ao passo que os símbolos da tragédia são ocultados, resulta em vazios, vazios os quais abrem espaço para o estigma e o esquecimento. Em contrapartida, as pessoas que vivenciaram a tragédia em diferentes escalas, ainda convivem com desprazeres provenientes do acidente.

* Graduado em História pelo Instituto Federal de Ciência, Tecnologia de Goiás.

A história oficial do acidente do césio já foi estabelecida, sua cronologia, seus espaços e indivíduos atingidos. (Silva, 2005). Essa narrativa oficial contempla algumas lembranças, mas silencia outras narrativas que possuem a mesma relevância. Inúmeras memórias que se expressam por meio das experiências de diversos grupos que tornam a história oficial incompleta. No artigo “O tempo cura todos os males?” pesquisa de um grupo de psicólogos da UFRJ, analisa depoimentos de vítimas do césio e identifica que a discriminação aparece na maioria dos relatos. Portanto, em qualquer análise psicossocial decorrente daquele contexto, a discriminação é predominante. Vale salientar que, a utilização do termo “Os Meninos do Césio”, parte de uma expressão pejorativa para se referir aos jovens que ali moravam como justificativa de comportamentos proferidos pelos mesmos, que muitas vezes a expressão passava despercebido para os entrevistados, não compreendendo o real significado, assim como pontua o Entrevistado 1 que diz “a gente meio que entendia e não entendia”. Segundo o entrevistado:

Além da pobreza, a gente era uns pobres organizados, nunca da bagunça. Mas a média era "maloqueira", criança de rua entre aspas, jogava bola na rua, andava descalço, estudava em escola pública, esse tipo de coisa, num bairro de classe média, e era do lado da favela, andava com os caras da favela né. Eu vi muito assim, "deixa prá lá", "é menino do césio", "é lá do césio." (Entrevistado 1, 23 de outubro de 2021)

Assim, a História do Césio-137 pouco é revisitada, no entanto, quando o assunto é retomado não é difícil encontrar imagens desrespeitosas ou até mesmo falas que relativizam a tragédia. As experiências dos “Meninos do Césio” não se diferenciam dessa visão preconceituosa que se tem com as vítimas da tragédia. Nesse sentido, o objetivo aqui é evidenciar as estratégias governamentais em omitir o acidente, trazendo outras perspectivas em relação a tragédia a fim de manter as lembranças viva e atuante, sob a concepção da metodologia da história oral de Portelli, compreendendo as consequências da ausência de espaços de memória oficial do acidente com o césio-137. Para isso, foram utilizadas fontes orais, entrevistas realizadas com os indivíduos denominados “os meninos do césio”, crianças que na década de 1990 viviam na proximidade do acidente e para resguardar as identidades desses indivíduos eles foram identificados como “Entrevistados 1, 2 e 3”.

O césio e a favela

O Morro do Aranha, situado na região central de Goiânia, segundo Brandão (2017) foi uma das favelas mais expressivas durante a década de 1990. Os entrevistados residiam em uma região de entre zona, entre o Morro do Aranha e a rua 26-A. Então não

podemos desconsiderar o aspecto social do acidente de 1987, é nesse contexto que localizamos os jovens denominados de “Meninos do Césio”. Segundo o entrevistado 3:

O morro sempre foi perigoso né, o pessoal recebia preconceito por morar lá né. Não era qualquer pessoa que queria subir o morro. Mas a favela lá também era complicada. E quem morava lá próximo, as pessoas nem recebiam visita. Não recebia por dois motivos: por conta da favela e por conta do césio. (Entrevistado 3, 23 de novembro de 2021).

É possível observar nos relatos que a discriminação em muitos momentos se manifesta sutilmente, no entanto, o entrevistado 1 compartilha uma memória desconfortável em sala de aula, segundo ele:

Eu tava num preparatório para o vestibular. Tava na aula do professor de Química, que falou do césio-137. Aí eu falei assim: "eu morei no bairro e tal, sou dessa geração, nasci no mês que o acidente aconteceu". Aí o professor curioso: "pá nossa, que interessante". Aí eu continuei: " Um detalhe, eu cresci e fui criado na rua do acidente". Aí o professor falou: "galera, aplaude ele!". Aí levei num tom de humor. Ele perguntou "você morou no bairro?", aí respondi "não morei, eu moro na rua da treta". Aí ele falou: "galera, afasta dele que ele é perigoso, afasta dele que ele é perigoso." Na hora eu pensei "pô professor, não precisava, né", mas ignorei. (Entrevistado 1, 23 de outubro de 2021)

Naquele momento, segundo o entrevistado, o fato apesar de constrangedor, passou despercebido, mas segundo ele “hoje remembering, eu vejo como isso foi ofensivo, lembrei porque me marcou”. Apesar do fato relatado ocorrer em 2007, essa situação expressa bem a permanência de uma visão negativa sobre a tragédia e os seus envolvidos. O entrevistado 2 questionado se já passou por alguma situação de discriminação, a princípio informa que não se lembrava, mas quando questionado se já viu alguma piada ou brincadeira, ele confirma que sim, segundo o entrevistado:

Ah, sim, as pessoas falam, “ah, ele brilha no escuro”, coisas assim eu já ouvi. O brilha no escuro é a coisa mais famosa. “Você é especial demais, que até brilha no escuro”, esse tipo de coisa, tirando onda. Às vezes pra algumas pode parecer inofensivo, mas para quem passou pela aquela situação, não é legal né. (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

No decorrer do diálogo, o Entrevistado 2 ainda traz informações de comentários que aconteciam dentro da escola, que a princípio não percebia como algo negativo, mas que hoje, refletindo sobre aqueles gestos e comportamentos, percebe como uma situação de tratar negativamente aqueles afetados pelo acidente. Segundo ele:

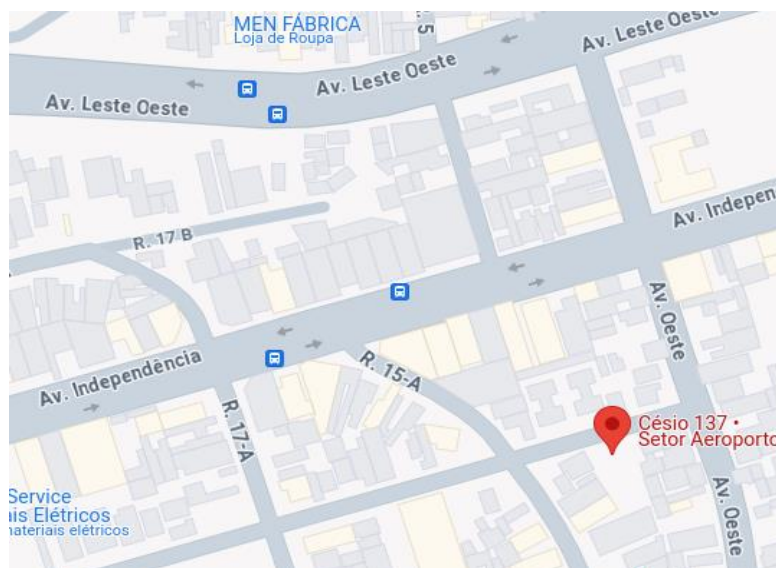
Em relação a época da escola, a gente ouvia até de pessoas da nossa idade. Você via as pessoas comentando com as outras. “Aquele ali... do césio. Aquele ali da família do césio, e tal”, tinha esses comentários. 'não deixava de ser agressivo. Na época, quando éramos mais novos, não tinha tanto

conhecimento, muitas pessoas podiam se fechar ali em ter o contato com as pessoas. As pessoas falavam, "foi pra Cuba, não sei o que", tinha aquele medo de que Cuba... a medicina era suspeita. A gente como criança ignorou. (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

Para compreender a proporção e alcance da radiação em 1987 o trabalho de Vieira (2013) é expressivo, assim como explanado pela autora, os indivíduos contaminados se tornaram fontes irradiadoras e assim, poderiam contaminar outros indivíduos através do contato. Fato que justificaria a aversão com os indivíduos envolvidos com a tragédia e com os habitantes do Morro do Aranha. Segundo a autora:

As partículas radioativas suspensas no ar foram transportadas pelos ventos e precipitaram sobre o solo, plantas e animais. As pessoas afetadas se tornaram fontes irradiadoras e contaminariam hospitais e ambulatórios aos quais recorreram em busca de tratamento para os sintomas da contaminação. (Vieira, 2013, P.218).

Aqui é necessário compreender onde residiam os "meninos do césio" e onde se localizava o Morro do Aranha. O antigo ferro-velho de Devair funcionava na rua Francisca Costa Cunha D.Tita (antiga Rua 26-A) e o Morro do Aranha localizava-se onde hoje é a atual Avenida Leste /Oeste (anexo 1). Os jovens aqui entrevistados residiam na rua 17-B, ponto de entre zona, entre a rua 26-A e a favela. Observar a pertinência em relação ao Morro do Aranha se torna importante, visto que, foram os entrevistados que lançaram olhares para a favela e os preconceitos que ela suscitava.



Região do Setor Aeroporto em destaque a: Av. Leste\Oeste (antiga localização do Morro do Aranha); Rua 17-B; Rua 26-A (local de funcionamento do antigo ferro-velho de Devair). Fonte: Google Maps. Org. Max C. Almeida.

Figura 1 - Falta de transparência e desconfiança do órgão fiscalizador

Nas entrevistas também é destacado a figura dos técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear, a CNEN, órgão responsável pela fiscalização de energia nuclear no país. A

visita desses profissionais existe até os dias atuais na região. Segundo o entrevistado 1 o técnico "veio colher uma amostra do quintal, de folha de manga, amostra de terra para medir o nível de radiação do nosso quintal onde morava." (Entrevistado 1, 23 de outubro de 2021). No entanto, observa-se uma falha da CNEN com essas ações de monitoramento, pois o órgão não divulga os laudos produzidos pelos técnicos. Segundo o Entrevistado 2:

Aqui em casa sempre foi água de cisterna, aí eu lembro... não sei se foi meu tio que comentou, que eles pegaram uma amostra, mas o resultado nunca apareceu. Eu não sei se eles reportam a alguém, mas eles pararam a caminhonete ali com um saco." (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

A falta de transparência da CNEN com a comunidade é um tanto quanto perturbadora, visto que, a figura desses técnicos se faz presente na região até os dias atuais, mas não existe um diálogo com a população em relação aos resultados obtido, o que no fundo fomenta rumores e medo em relação à própria condição de saúde. Bufáical (2012) também aponta essa falta de clareza com todos aqueles que, mesmo indiretamente, se relacionam com a tragédia. Segundo o autor "não há informações oficiais precisas e bem transmitidas aos habitantes das redondezas atingidas quanto aos desdobramentos científicos da tragédia e o atual estado de saúde de todos os nela envolvidos." (BUFÁICAL, 2012, p. 134). Os "meninos do céσιο" expressam em seus testemunhos essa insegurança e dúvidas em relação à saúde. Para o segundo entrevistado:

A radiação é invisível, quem garante que não tivemos contato com ela? Nunca fizemos um exame, ninguém perguntou o que estávamos passando. Tem amigo nosso revoltado com essa situação, porque tem gente que nem teve tanto contato, e conseguiu a pensão, e outras pessoas que precisavam, mas não conseguiram. (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

Para o primeiro entrevistado:

Na nossa geração, teve problemas congênitos em alguns colegas. Aí a gente fica com uma coisa... nunca investigou, sabe? Mas assim, rolando essas inconformidades, sabe, "será que é por conta daquilo?", "será que foi isso ou não?". Aí nunca nada fica explicado. E hoje a gente acha que não é mais tempo de correr atrás disso. (Entrevistado 1, 23 de outubro de 2021)

Portanto, a ausência de transparência alimenta o imaginário desses indivíduos, resultando em medo em vislumbrar um futuro para si e para seus familiares. Para termos uma compreensão da própria dimensão da radiação, o Entrevistado 2 trouxe informações sobre dois contaminados, segundo o entrevistado:

Tinha duas pessoas que moravam no Morro do Aranha, aqui no fundo, que foram atingidas diretamente e foram pra Cuba também. Inclusive um morreu e o outro perdeu os cabelos. Mas eu não sei como foi o contato dele. (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

Outro ponto destacado nos relatos é referente ao pagamento das pensões. Esse ponto torna-se problemático para os entrevistados devido aos critérios em relação aos pagamentos desses auxílios. Mas essa discrepância torna-se 'compreensível', visto que, aparentemente nem a CNEN nem o Estado têm conhecimento da quantidade exata de vítimas contaminadas. Vale destacar que o reconhecimento como vítima não assegura apenas o pagamento do auxílio, mas garante que os indivíduos sejam assistidos pelo Centro de Assistência aos Radioacidentados (C.A.R.A), antiga Fundação Leide das Neves (FUNLEIDE), instituição que presta assistência médica às vítimas do césio. Portanto como os demais grupos, “os meninos do césio” conviveram e ainda convivem com uma teia de problemáticas decorrentes da tragédia, que não se limita à discriminação, mas o ato de discriminar, apenas acentua esses problemas.

Conclusão: “O brilho eterno de uma cidade sem lembrança”.

Para Rossi (1991), o processo de apagar e esquecer são fenômenos característicos do século XX como mecanismo de assumir o controle de determinados fatos históricos, assim, o esquecimento não é uma operação natural, o silêncio parte de um fenômeno sistematizado por meio de gestão de memória. Vasconcelos (2019) conceitua essa sistematização do Estado em ocultar símbolos que remetem ao acidente como “política de silenciamento”.

Para Vasconcelos (2019) o Estado goza de instrumentos de poder para alterar símbolos envolvidos naquele contexto, as alterações das nomenclaturas das Ruas 57 e 26-A principais pontos de contágios, a alteração da nomenclatura da instituição FUNLEIDE para C.A.R.A fazem parte da estratégia de desconstruir os significados ligados às nomenclaturas e atribuir novos sentidos. (Vasconcelos, 2019, p.91- 92). Complementando a autora, compreendo a remoção do Morro do Aranha e a construção do Centro de Convenções de Goiânia também como parte da política de silenciamento. Vale salientar que o centro de convenções da capital goiana foi construído no local onde o equipamento de raio-x foi abandonado, e no prédio, assim como nos lotes da rua 57 (Figura 2) e 26-A (Figura 3) envolvidos no acidente, sequer faz alusão ao acidente.

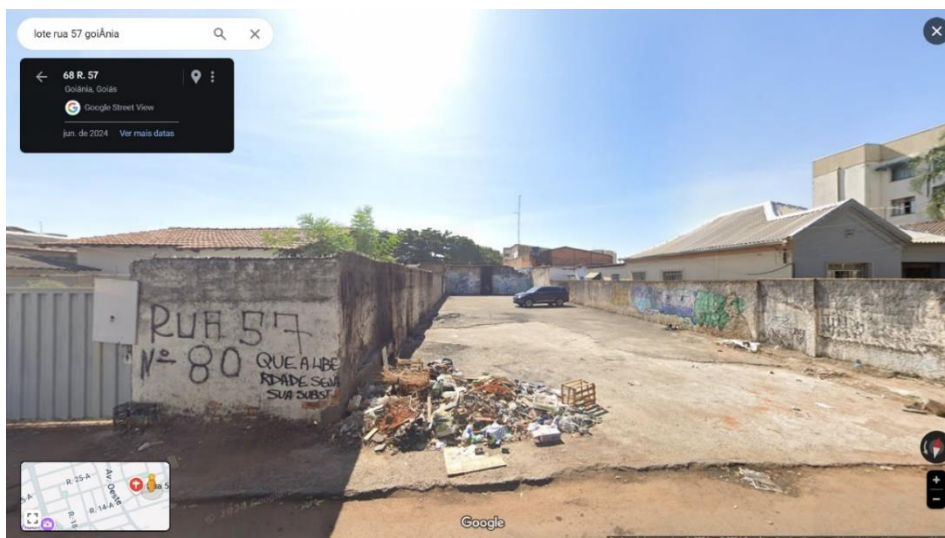


Figura 2 - Lote concretado da rua 57, atrás do Mercado da 74. Fonte: Google Maps. Org. Max C. Almeida.

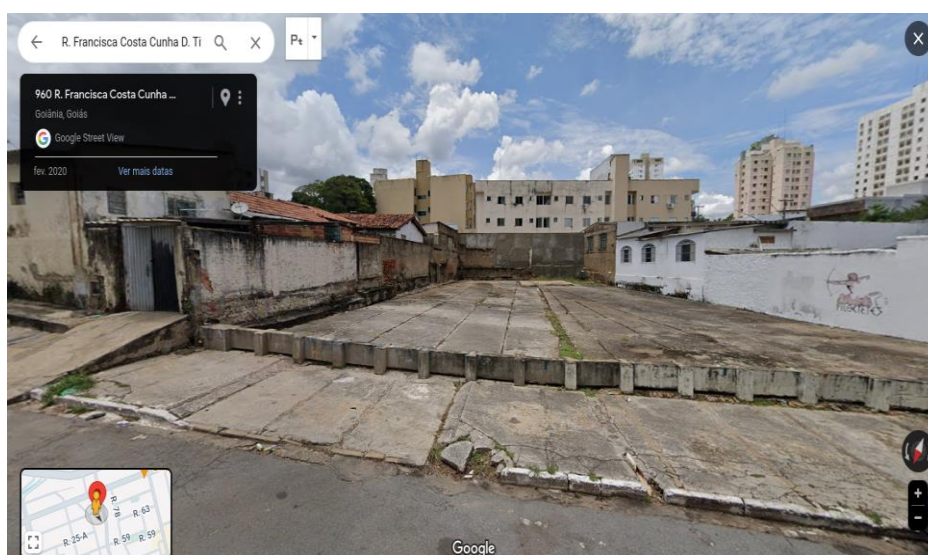


Figura 3 - Lote concretado do ferro-velho de Devair na R. Francisca Costa Cunha D. Tita, antiga Rua 26-A. Fonte: Google Maps. Org. Max C. Almeida.

Portanto, "só quem conhece a história sabe que são espaços históricos, lugares de memória" (Vasconcelos, 2019, p.103). Os entrevistados também trazem em seus relatos percepções em relação à ausência de um informativo nos lotes. Para o entrevistado 3:

Eles queriam, como se diz, abafar o caso, né? Como é lá no lote em frente ao Célia Maria? é um lote vago, de concreto, anda gente lá, pra todo o lado. Por exemplo, naquele lote em frente ao Célia Maria, ter algum momento educativo, alguma identificação. É um lote aberto, só com concreto e crianças passam lá e nem sabem o que aconteceu, seria legal ter naquele lote uma identificação, "que lá caiu um meteoro". Deveriam falar, né, em memória das pessoas que morreram. Foi um acidente assustador aqui em Goiânia, em Goiânia. Acho que deveria falar, em memória às pessoas falecidas, e aos doentes, que ficaram com sequelas... que tem muitas. Acho que deveria fazer uma estátua, um cartaz que seja... um memorial né, que seria o certo... um memorial de quantas vítimas. (Entrevistado 3, 23 de novembro de 2021).

A tragédia de 1987 em Goiânia, intimida e ameaça o poder simbólico do Estado e a credibilidade da CNEN a qual se faz necessário por meio da violência – simbólica – modificar e apagar a memória que tange o contexto do acidente com o césio, assim como efetivado com as alterações das nomenclaturas das ruas envolvidas no acidente, além dos espaços vazios e da própria inexistência de um memorial para recordar e homenagear as vítimas da tragédia. Assim, percebe-se a memória como um espaço árduo de disputas de interesses, como diria o Raphael Samuel (1997) em “Teatros de Memórias”.

Os “meninos do césio” também percebem que atualmente pouco se fala sobre o acidente com o Césio 137, e relatam que até mesmo o preconceito em relação a tragédia em comparação a década de 1990 foi amenizada, mas não pelo fato de haver políticas públicas para conscientizar a população, mas ao contrário, pelo fato do acidente ser esquecido. O Entrevistado 3 aponta que “hoje você nem ouve mais falar, essa é a verdade. Como se diz, foi como se fosse uma guerra, morreu muita gente, ninguém lembra que isso existiu. Assim, a gente volta ao tempo, pensando nisso, sem querer fez parte da nossa infância, dos meus colegas”. O entrevistado 2 complementa que:

Para alertar, apesar de que hoje temos muito mais conhecimento. Lembrar as pessoas que perderam a vida, outras que estão com dificuldades de saúde, não conseguem emprego. Tem que lembrar, só as vítimas que lembram, né? Aí caiu no esquecimento, o governo já não ajuda né... aí se não lembrar. (Entrevistado 2, 13 de novembro de 2021)

Assim, percebe-se um consenso que o silêncio que permeia o acidente de 1987 não é espontâneo. Sob a luz da metodologia da história oral de Portelli, compreendo que a ausência desses espaços de memória oficial do acidente e a inutilização desses lotes (Figuras 2 e 3) corroboram para a construção de vazios. Como dizia Seligman (2008), “os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime”. É possível compreender que quando falamos sobre a tragédia com o césio-137, falamos de memórias em disputas e que a inexistência desse local de memória colabora para a desresponsabilização pelo ocorrido por parte do Estado, do hospital e da CNEN, estimulando o esquecimento e provocando um distanciamento da população com a história do Césio-137 em Goiânia, além de influenciar a não adoção de medidas compensatórias e políticas de transparência, em contrapartida, esses vazios fortalece as incertezas em relação ao estado de saúde e à segurança dos “meninos do césio” e também de outros indivíduos que vivenciaram a tragédia.

Referências

Fontes Orais

Entrevistas realizadas por Max Cavalcante de Almeida.

ENTREVISTADO 1. Entrevista realizada em 23 de outubro de 2021; com duração de 95 minutos e 57 segundos; Vídeo conferência realizada pelo Google meet, Aparecida de Goiânia/ Goiânia.

ENTREVISTADO 2. Entrevista realizada em 13 de novembro de 2021; com duração de 38 minutos e 17 segundos; Vídeo conferência realizada pelo Google meet, Aparecida de Goiânia/ Goiânia.

ENTREVISTADO 3. Entrevista realizada em 23 de novembro de 2021; com duração de 24 minutos e 31 segundos; Vídeo conferência realizada pelo Google meet, Aparecida de Goiânia/ Goiânia.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder simbólico*. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.

BRANDÃO, Simone Buiate. *A antiga linha férrea de Goiânia. De símbolo da modernidade à obsolescência*. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) -Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017, p.130.

BUFÁIÇAL, João Luís Felix de Sousa. *Acidente com o Césio 137: pânico social, a comunicação e o imaginário popular em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2012, p.134.

MIRANDA, F. J.; PASQUALI, L.; NETO, S. B. C.; BARRETO, M. Q.; DAVID FILHO; G. & ROSA, T. V. (2005). *Acidente radioativo de Goiânia: "O tempo cura todos os males"?* Arquivos Brasileiros de Psicologia, 57 (1-2): 58-87

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto xHistória, São Paulo, n10, dez 1993, p.7-28.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História, nº 14, São Paulo, fev. 1997, p.25-39.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo: Unesp, 1991.

SAMUEL, Raphael. *Teatros de memória*. Projeto História, São Paulo, n. 14, 1997. p. 41-81.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SILVA, Telma Camargo da. *As Fronteiras das Lembranças: Memória Corporificada, Construção de Identidades e Purificação Simbólica no Caso de Desastre Radioativo*. Vivencia (UFRN), Natal, v. 28, 2005, p. 57-73.

SILVA, Telma Camargo da. *Silêncios Da Dor: Enfoque Geracional E Agência No Caso Do Desastre Radioativo De Goiânia*, Brasil. Iberoamericana - Nordic Journal of Latin American and Caribbean Studies , v. 46, 2017, p. 17-29.

VASCONCELOS, C. H. *Césio-137, trinta anos depois: silenciamento discursivo de uma tragédia*. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Pós Graduação em Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Federal de Goiás. P.50 - 120.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *O drama azul: narrativas sobre o sofrimento das vítimas do evento radiológico do Césio-137*. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2010.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Césio-137, um drama recontado*. Estudos Avançados, [S. l.], v. 27, n. 77, p. 217-236, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/53964>. Acesso em: 17 jan. 2022.